
A N A I S



Simpósio Nacional de
Geografia Urbana

Rio de Janeiro, 13 a 17 de setembro de 1993



ANAIS



Simpósio Nacional de
Geografia Urbana

Rio de Janeiro, 13 a 17 de setembro de 1993



3º SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA

ORGANIZAÇÃO

Associação dos Geógrafos Brasileiros
Comissão de Assuntos Urbanos e Regionais

PATROCÍNIO

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
Instituto de Geociências
Departamento de Geografia

Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE
Diretoria de Geociências
Departamento de Geografia

APOIO

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq

COMISSÃO ORGANIZADORA

Mauricio de Almeida Abreu
Roberto Lobato Corrêa
Leila Christina Duarte Dias
Iná Elias de Castro
Mariana Miranda

EQUIPE TÉCNICA

Logotipo
Luciana de Lima Martins

Digitação
Hermani de Moraes Vieira

Capa e Arte-final
Patricia Leal Corrêa

Revisão
Comissão Organizadora

Editoração Eletrônica e Impressão
IBGE - Projeto Editorial - DGC/DEPIN/DIPRO

APRESENTAÇÃO

O presente volume contém os trabalhos apresentados no 3º Simpósio Nacional de Geografia Urbana, realizado no Forum de Ciência e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro [UFRJ] entre 13 e 17 de Setembro de 1993

Este 3º Simpósio dá prosseguimento às atividades regulares da Comissão de Assuntos Urbanos e Regionais da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), e teve o patrocínio do Instituto de Geociências da UFRJ, através do Departamento de Geografia, e da Fundação IBGE, através de seu Departamento de Geografia. Contou também com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq.

Rio de Janeiro, Setembro de 1993

A Comissão Organizadora

SUMÁRIO

1 - APRESENTAÇÃO

2 - MESAS REDONDAS

2.1 MESA 1 - MATRIZES DE GEOGRAFIA URBANA

2.1.1 UM TEMA PARA REFLEXÃO: CIDADE VISÍVEL E CIDADE INVISÍVEL - Armando Correia da Silva.....	9
2.1.2 O ENCONTRO DA GEOGRAFIA COM HENRI LEFEBVRE: NOTAS PARA UMA AVALIAÇÃO CRÍTICA A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DE SÃO PAULO - Odette Carvalho de Lima Seabra.....	12
2.1.3 A CIDADE DOS HOMENS: ALGUMAS INTERPRETAÇÕES HUMANÍSTICAS SOBRE O URBANO - João Baptista Ferreira de Mello.....	17
2.1.4 A FRANÇA, O BRASIL E A GEOGRAFIA URBANA - José Borzachiello da Silva.....	23

2.2 MESA 2 - REDES, FLUXOS E TERRITÓRIOS

2.2.1 REDES, FLUXOS TERRITÓRIOS E : UMA INTRODUÇÃO - Roberto Lobato Corrêa.....	31
2.2.2 OS ESPAÇOS DA GLOBALIZAÇÃO - Milton Santos.....	33
2.2.3 OS DOIS CIRCUITOS DE FLUXOS DO SISTEMA AÉREO NO BRASIL ATUAL - Helena Kohn Cordeiro & Francisco Sérgio Bernardes.....	38
2.2.4 DOS USOS AOS FLUXOS: A DIMENSÃO TEMPO NO PROCESSO DE APROPRIAÇÃO SOCIAL DA REDE DE TELEFONIA EM FLORIANÓPOLIS - Tamara Benakouche.....	46
2.2.5 REDES DE INFORMAÇÃO, GRANDES ORGANIZAÇÕES E RITMOS DE MODERNIZAÇÃO - Leila Christina Dias.....	53

2.3 MESA 3 - GEOPOLÍTICA DO AMBIENTE URBANO

2.3.1 LOGÍSTICA: UMA NOVA RACIONALIDADE NO ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO - Bertha K. Becker.....	59
2.3.2 CIDADES: DISSONÂNCIA, DISTENSÃO, CONTRUÇÃO - Maria Encarnação Beltrão Sposito.....	63
2.3.3 GEOPOLÍTICA DO AMBIENTE URBANO - Jan Bitoun.....	70
2.3.4 GEOPOLÍTICA DO AMBIENTE URBANO: A INTEGRAÇÃO DA POPULAÇÃO AO ESTADO - Amélia Luisa Damiani.....	76
2.3.5 A GEOPOLÍTICA DO GOVERNO LOCAL: PROPOSTA DE ABORDAGEM AOS NOVOS TERRITÓRIOS URBANOS DA AMAZÔNIA - Lia Osório Machado.....	83

2.4 MESA 4 - TEMPO E ESPAÇO NO COTIDIANO URBANO

2.4.1 TEMPO E ESPAÇO NO COTIDIANO URBANO: UMA INTRODUÇÃO - Iná Elias de Castro...	91
2.4.2 O ESPAÇO E O TEMPO SOCIAIS NO COTIDIANO - Ana Fani Alessandri Carlos.....	93
2.4.3 GLOBAL E LOCAL NA ANÁLISE DA ESTRUTURAÇÃO DA CIDADE: REFLEXÕES METODOLÓGICAS - Luis César de Queiroz Ribeiro.....	99

2.5 MESA 5 - CRISE URBANA E REFORMA URBANA

2.5.1 DESENVOLVIMENTO OU REFORMA URBANA: CONCEPÇÕES E CONTRADIÇÕES - Arlete Moysés Rodrigues.....	107
2.5.2 REFORMA URBANA NOS LIMITES DA MODERNIZAÇÃO - Ana Clara Torres Ribeiro.....	116
2.5.3 DIREITO E REFORMA URBANA - Nelson Saule Júnior.....	124
2.5.4 "MISEROPOLIZAÇÃO" E "CLIMA DE GUERRA CIVIL": SOBRE O AGRAVAMENTO E AS CONDIÇÕES DE SUPERAÇÃO DA "QUESTÃO URBANA" NA METRÓPOLE DO RIO DE JANEIRO - Marcelo José Lopes de Souza.....	132
2.5.5 REFORMA URBANA E TERRITORIALIDADE - Franklin Coelho.....	144

3 - COMUNICAÇÕES

3.1 SESSÃO 1

3.1.1 NOTAS SOBRE O PENSAMENTO DE PROUDHON E A CIDADE - Wagner Costa Ribeiro....	155
--	-----

3.1.2 PRODUTOS DOS ESTUDOS EM GEOGRAFIA URBANA: UMA ANÁLISE DE ARTIGOS DA REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA - Odeibler S. Guidugli	157
3.1.3 REPENSANDO O "CAMINHO". REFLEXÃO SOBRE A SEGREGAÇÃO RESIDENCIAL URBANA NO POSITIVISMO - Carlos Eduardo Santos Maia	160
3.1.4 A GEOGRAFIA HUMANISTA - UM APORTE POUCO UTILIZADO PELA GEOGRAFIA URBANA - Werther Holzer.....	162
3.1.5 PERSONAGENS E AUTORES DA HISTÓRIA DA GEOGRAFIA: VIDAL DE LA BLACHE E A GEOGRAFIA URBANA - Paulo Cesar Costa Gomes.....	164

3.2 SESSÃO 2

3.2.1 REDES, TERRITÓRIOS E AGLOMERADOS: DA FORMA=FUNÇÃO ÀS (DIS) FORMAS SEM FUNÇÃO - Rogério Haesbaert.....	169
3.2.2 NOVAS REDES E NOVAS TERRITORIALIDADES - Rainer Randolph	171
3.2.3 A PERIODIZAÇÃO DO SISTEMA VIÁRIO DE MANAUS - AM - Victor Ribeiro Filho.....	173
3.2.4 PESQUISANDO A REDE URBANA DO SUDESTE ATRAVÉS DOS FLUXOS TELEFÔNICOS - Cristina Lontra Nacif	175
3.2.5 AMAZONIA LEGAL: REDES E FLUXOS NA NOVA DIVISÃO TERRITORIAL DO TRABALHO - Miguel Angelo Campos Ribeiro	177
3.2.6 CONSIDERAÇÕES SOBRE A REVISÃO DAS REGIÕES DE INFLUÊNCIA DAS CIDADES - Equipe Técnica do REGIC/TBGE	179

3.3 SESSÃO 3

3.3.1 GEOPOLÍTICA URBANA: OS PROPRIETÁRIOS FUNDIÁRIOS BENEDITINOS NO RIO DE JANEIRO - Fania Fridman.....	183
3.3.2 PRÁTICAS DAS COMPANHIAS DE LOTEAMENTO NA PORTO ALEGRE DO SÉCULO XIX - Tania Marques Strohacker.....	186
3.3.3 A FAVELA ESTÁ FAZENDO CEM ANOS (SOBRE OS CAMINHOS TORTUOSOS DA CONSTRUÇÃO DA CIDADE) - Mauricio de Almeida Abreu	188
3.3.4 A "IDADE DE OURO" DE SALVADOR (1650-1800) - Pedro de Almeida Vasconcelos	191
3.3.5 A CIDADE DO RIO DE JANEIRO E A REFORMA URBANA DE CARLOS SAMPAIO 1920-1922 - Lúcia Helena Pereira da Silva.....	193

3.4 SESSÃO 4

3.4.1 O MUNDO VIVIDO DE UMA COMUNIDADE URBANA: O CONDOMÍNIO RESIDENCIAL JOSÉ DO PATROCÍNIO - Rogério Botelho de Mattos.....	197
3.4.2 VIVÊNCIA DO URBANO E A TECNOLOGIA DO TRANSPORTE - Alice F. Itani & Carmen S. Cavotti.....	199
3.4.3 A DIMENSÃO DO SAGRADO NO ESPAÇO URBANO - Zeny Rosendahl	201
3.4.4 O COTIDIANO, O LUGAR E A CIDADE - Adílson Rodrigues Camacho	203
3.4.5 EVOLUÇÃO URBANA E ASPECTOS DA QUESTÃO AMBIENTAL NO RIO DE JANEIRO ATRAVÉS DOS PLANOS E PROJETOS DOS SÉCULOS XIX E XX - Elizabeth Dezouart Cardoso & Alexandre Antonio de Mello Santos.....	206
3.4.6 DIVERSIDADE DO USO DO SOLO EM ÁREA DE BAIXADA SANEADA - BELÉM-PA - Saint-Clair Cordeiro da Trindade Jr.....	208

3.5 SESSÃO 5

3.5.1 LOCALIZAÇÃO DE CONJUNTOS HABITACIONAIS: UM CASO EM RIO CLARO - Alessandra da Silva Molina & Cláudio Antonio de Mauro.....	213
3.5.2 A ÁREA CENTRAL DO RIO DE JANEIRO: PERCEPÇÕES E REFORMAS URBANAS - Lillian Fessler Vaz & Carmen Beatriz Silveira	215
3.5.3 IMPASSES DA POLÍTICA URBANA NO BRASIL - William Rosa Alves.....	218
3.5.4 RESISTÊNCIA E ACUMULAÇÃO NA EXPANSÃO DO COMÉRCIO DE RUA - Neiva Otero Schaffer.....	220
3.5.5 OS AGENTES PRODUTORES DO ESPAÇO URBANO VERTICALIZADO EM BELÉM-PA - Janete M. Gentil Coimbra de Oliveira.....	222
3.5.6 MONTEVIDEO: LA UNICA AREA METROPOLITANA - Alvaro Lopez Gallero	225

MESA 1

MATRIZES DA GEOGRAFIA

URBANA

UM TEMA PARA REFLEXÃO: CIDADE VISÍVEL E CIDADE INVISÍVEL

Armando Correia da Silva
Departamento de Geografia da FFLCH/USP

Neste resgate crítico das bases da geografia urbana, e na situação de Coordenador, quero, inicialmente, agradecer ao convite que me foi feito e pedir permissão à Comissão Organizadora, aos componentes desta Mesa e aos presentes a este encontro, para não seguir o ritual habitual nestes casos. Quero dizer algumas breves palavras sobre a questão do estudo e pesquisa das cidades. Não pretendo aqui, fazer uma resenha do assunto, mas contribuir com um tema para reflexão que me ocorreu na reunião do Rio Claro, realizada em 1991.

O objeto: cidade ou cidadão?

A cidade tem sido objeto de estudo, entre outros aspectos, segundo a forma, a função, a estrutura, o processo, a relação, o mercado, o público, o privado, o sítio, a situação, a posição, a região, o território, a área, o lugar, o espaço, o habitat, a rede, os fluxos, o planejamento, a produção, o consumo, a circulação, as trocas, os valores, os símbolos, a localização, a população, a gênese, os tipos, etc.

Em tempos relativamente recentes outros aspectos começaram a ser estudados e pesquisados, relativos às transformações locais, regionais, nacionais e mundiais promovidas pelo chamado período técnico-científico.

Também têm sido retomados os temas do que é o urbano, o que é o metropolitano etc., em

estudos particularizados de conjuntos habitacionais, de bairros, de favelas ou cortiços, do centro histórico, assim como do centro expandido, dos centros novos, da perda ou desaparecimento da centralidade, etc.

Significa dizer que, hoje, o âmbito dos estudos e pesquisas em Geografia e, como não poderia deixar de ocorrer, em Geografia Urbana, está sendo ultrapassado em seus limites clássicos através da multidisciplinaridade, da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade.

Na perspectiva de uma ideologia do cotidiano, recuperando a dimensão poética, literária e artística do objeto, como obra humana, é preciso acentuar o tema da subjetividade na concepção da cidade e do cidadão.

É o objetivo desta apresentação.

Objetivismo científico e vivência da cidade

Antes de ser patrão ou trabalhador, professor ou bancário, comerciante ou dona de casa, estudante ou funcionário, faxineira ou industrial, banqueiro ou mendigo, menino de rua ou camelô, somos pessoas. Gostaria de precisar isto: somos singularidades. Cada um com seu espaço, ou espaços, sua história de vida, seus companheiros, colegas, amigos, parentes, etc.

Nessas circunstâncias, o que é a cidade para mim?

Minha família é originária do Estado do Rio de Janeiro, município de Vassouras. Um conjunto de fazendas cujos donos eram parentes. Nessa ocasião havia uma relação grande dessas pessoas com o Rio, então, capital federal. Lá nasceram meus pais. O curioso é que, embora morando e vivendo nessas circunstâncias estavam bastante informados do que se passava fora dali.

Meu pai formou-se engenheiro civil na Nacional do Rio no começo do século: assistiu a reforma Passos, conviveu com a gripe espanhola, a república velha, etc.

Formado e casado mudou-se para São Paulo. Nesta cidade viveu e trabalhou até conseguir um posto de fiscal da Estrada de Ferro Araraquarense, optando por morar em Taquaritinga, onde nasci.

Quais as razões mais profundas que o teriam levado a percorrer essa trajetória? Teria sido ele o que mais tarde os meios políticos chamariam de um homem progressista?

Meu pai faleceu em 1990. Sempre quiz ter com ele uma conversa íntima que me esclarecesse sobre muitas dúvidas que sempre tive comigo mesmo. Mas, infelizmente isso não ocorreu e nem daria certo, pois meu pai tinha dificuldade com esse tipo de relacionamento.

Assim, nasci caipira, embora tenha vivido apenas 1 ano e pouco em Taquaritinga. Mas, dessa época me ficou um modo específico de pronunciar a letra "r".

Meu pai mudou-se para São Paulo. Curioso é que não tenho nenhuma memória desse período. Logo depois, com alguma dificuldade, ele mudou-se para São Sebastião, no litoral de São Paulo para ser engenheiro fiscal da construção do porto comercial ali localizado. São daí minhas primeiras experiências que a memória reteve de vivência urbana.

São Sebastião, na época, era formada pelo centro histórico, ainda existente mas bastante modificado, rodeado por chácaras numa das quais moramos. Mais tarde foi construída a casa que seria por muito tempo nossa moradia e também sede da administração.

O porto foi construído por uma empresa do Rio de Janeiro, tendo eu, criança, acompanhado a construção. Foi em São Sebastião que cursei os primeiros anos do curso primário.

Em 1942 fui aluno interno de um colégio em São Paulo, pois em São Sebastião não havia ginásio e meus irmãos já tinham completado o primário. Sem perceber eu me havia tornado um caçara.

Em São Paulo, meu contato com a metrópole resumia-se na ida ao futebol, no Estádio do Pa-

caembú, na missa aos domingos e no contato com meus colegas, muitos dos quais nascidos nessa capital.

Anos depois, o externato no Colégio Panamericano. Morávamos, então, no Jardim Paulista próximo da casa de um tio que agrupara os filhos em casas no mesmo quarteirão.

Mais tarde, os anos no Eduardo Prado, então na esquina da Paulista, para o qual eu ia de bonde.

Terminei meus estudos no Carlos Gomes, também na Avenida Paulista.

Aqui termina a história de meu pai e começa a minha: a crise existencial da juventude, a descoberta da música, alguns namoros que quase deram em casamento, a primeira experiência sexual e uma primeira noção do que chamaria mais tarde de "cidade grande", resultado de uma pesquisa posteriormente publicada no Revista Civilização Brasileira.

A metrópole com subúrbios chegava a mim através de O Estado de São Paulo, da TV Invictus, das idas ao cinema no Centro ou, como se diz até hoje "na cidade", nas festas de formatura e nas viagens de férias a Campos de Jordão e a São Sebastião, alternando o inverno e o verão.

Bem, depois, o trabalho como músico no Rio de Janeiro, quando a referência ainda era Copacabana (Ipanema era um luxo!), o trabalho em Goiânia depois de um casamento que durou apenas 1 ano e meio, e, mais tarde, o trabalho também em São Paulo. Foi através da música que comecei a entender o urbano.

Estava começando a tornar-me um personagem metropolitano.

Esse processo acelerou-se quando fiz um curso de ciências sociais. Nessa época opunha-se o urbano-industrial ao rural. Foi quando descobri o sentido do urbano que o trabalho posterior em Geografia acentuaria.

Neste breve resumo de uma história de vida, contando com a vida na casa de meus pais, morei em 18 casas diferentes, sempre em ambiente urbano.

Minha experiência com o campo é quase nula, não tendo ficado dela quase nenhuma marca mais profunda; minha experiência com a indústria é mais limitada; minha experiência com o comércio (como consumidor) é recente; minha experiência com o litoral modificou-se; e minha maior experiência é com o setor de serviços: fui caixa de escritório imobiliário, auxiliar de médico legista, músico, escriturário na Caixa Econômica do Estado de São Paulo e, depois professor universitário.

Assim, minha trajetória de vida foi, quase todo o tempo, urbana. A experiência metropolitana é mais recente. Apenas em 1985 fiz minha primeira viagem ao Exterior, visitando apenas grandes cidades da Europa em 35 dias.

Não sei dizer exatamente em que mudei e em que permaneci o mesmo.

Hoje, não vivo mais em "acampamentos" como até 1977. Montei uma casa (apartamento) e terminei meu "destino" de migrante.

Por isso, atualmente, quando leio livros de Geografia Urbana ora me encontro ora não sei o que estou lendo.

Cidade visível e cidade invisível

Espero não ter cansado vocês com esse relato. É que só posso falar do tema desta apresentação com esses pressupostos.

A cidade visível é aquela que olho, vejo, enxergo, observo, sobre a qual penso e reflito. Em 1991 em Rio Claro eu falava da cidade interna e da cidade externa. Mas, ambas são visíveis.

O que é a cidade invisível?

O que é urbanita?

O que é o homem metropolitano?

Minha impressão atual é a de que a cidade, como metrópole, já existe, enquanto obra concreta; mas, a cidade do cidadão está apenas em formação.

Quando andamos pela rua (a pé, de moto, de ônibus, de automóvel), quando estamos num escritório ou num laboratório, quando estamos numa pesquisa no campo ou na cidade, quem são essas pessoas com as quais convivo e me relaciono? Qual a sua origem? Quais suas raízes? Quem transita já na isotropia da modernidade e da pós-modernidade?